

PIBID: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÕES COM LIVROS INFANTIS

Ana Claudia Ferreira de Souza/ IFSULDEMINAS - PIBID

Allan Augusto dos Santos/ IFSULDEMINAS - PIBID

Mariana Zuaneti Martins/ IFSULDEMINAS - PIBID

RESUMO

Histórias infantis podem constituir-se como artefatos para a tematização de questões sociais com as crianças. A partir dessa ideia, enfocamos a temática do gênero a partir de jogos relacionados a dois livros infantis. Este trabalho visa relatar uma experiência realizada no PIBID sobre gênero e jogos na educação infantil e fundamental I a partir dos livros que abordam a temática da igualdade de gênero e do respeito à diferença. Foram realizadas sete intervenções em duas turmas, uma de ensino infantil (5-6 anos) e outra de ensino fundamental I (7-8 anos), com cerca de 20 alunos cada. Em todas as intervenções as histórias eram retomadas para que posteriormente a isso déssemos início ao jogo ou atividade prática. A história trabalhada em sala de aula teve o papel de fundamentar as discussões e tornou-se acessível às crianças devido ao seu tipo de linguagem, sendo de fácil compreensão e facilitando a apropriação do conteúdo proposto a elas.

PALAVRAS CHAVE: educação física, gênero, jogos, literatura infantil.

1 INTRODUÇÃO

O tema central deste trabalho é expor um relato de experiência de alunos bolsistas do PIBID, o subprojeto do curso de Educação Física, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, campus Muzambinho tem como objetivo trazer o debate em torno de questões de gênero através das suas aulas/intervenções. Afinal o tema em questão tem relevante importância dentro do contexto escolar, inclusive nas aulas de educação física. Segundo Scott (1995), o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e dá significado às relações de poder. A dimensão de gênero está presente no amplo âmbito de relações que a prática da educação física abrange.

2 OBJETIVO

Relatar uma experiência realizada no PIBID sobre gênero e jogos na educação infantil e fundamental I a partir dos livros “Ceci tem pipi?” e “Ceci e o vestido do Max”.

3 MÉTODO

Foram realizadas sete intervenções em duas turmas, uma de ensino infantil (5-6 anos) e outra de ensino fundamental I (7-8 anos). Cada turma contava com aproximadamente 20 alunos. A partir dos livros de histórias infantis “Ceci tem pipi?” e “Ceci e o vestido do Max”, que abordam de maneira lúdica a temática de gênero. Na tentativa de desconstruir e reconstruir alguns conceitos ainda existentes foi trazido jogos que dialogavam sempre com o conteúdo das histórias. Também se usou como recurso desenhos feitos pelos alunos, através dos quais pudemos ver o que lembravam, e o que teve maior relevância da história contada.

4 RESULTADOS

As primeiras aulas foram usadas como diagnósticas, trabalhando diversas brincadeiras de diferentes estilos. Foram realizadas atividades de contato corporal, como o pega-pega-abraço que foi aplicado nas intervenções iniciais, nesta se escolhia um pegador que devia congelar os demais participantes da brincadeira através de um toque, e um salvador, este que ficava por função de “descongelar” quem fosse “congelado” dando um abraço, de tal modo que quem fosse pego só poderia sair do lugar após receber o abraço do “salvador” que tinha como obrigação abraçar todos os participantes que fossem pegos no jogo. A segunda atividade da etapa diagnóstica foi a “dança da cadeira”, a qual se desenvolveu de maneira que: quando a música parasse todos deviam sentar nas cadeiras dispostas no jogo, dessa forma com o decorrer da dança tirava-se uma das cadeiras a cada vez que a música parasse, fazendo com que no fim do jogo todos sentassem aglomerados na última cadeira restante incentivando a desmitificação do toque. Logo nesta primeira intervenção já se notou certo receio dos pequenos, principalmente por parte dos meninos da turma do EF1 em realizar atividades que envolviam algum tipo de toque entre eles. Surgiram algumas expressões como “isso é coisa de menina” ou “isso é coisa de viado” colocando em evidência uma provável visão sexista precoce, também foi possível notar a divisão que existia entre meninos e meninas, ficando por vezes separados em filas tendo também aulas, atividades e brincadeiras

distintas entre os mesmos culminando na atribuição de um binarismo dos sexos aos jogos e brincadeiras infantis, por parte dos pequenos, uma construção errônea partindo do sexo biológico.

A partir do que foi visto o grupo propôs como forma de intervenção o uso de livros infantis que abordam a temática de gênero e igualdade, fazendo das obras ponto de partida para o trabalho da temática dos jogos, no formato em que, o conteúdo prático das aulas estariam vinculados a obra literárias. O primeiro livro usado nas intervenções após as aulas diagnósticas é produto do escritor francês Thierry Lenain, a história “Ceci tem pipi?”, que nas intervenções passou a ser “Ceci tem cueca?” devido a restrições da escola em que acontece o projeto do PIBID. Este livro conta o dia-dia de Ceci e seu amigo Max. Ele acredita que sua amiga possa ter um “pipi” (no caso da adaptação, ele acreditava que ela usava cueca) devido ao fato da personagem do sexo feminino gostar de jogar futebol: “Max muitas vezes faz a mesma pergunta para si mesmo: “Qual a dessa garota?” Porque além de desenhar mamutes, Ceci joga futebol. E tem uma bicicleta de garoto”.

Para melhor assimilação por parte das crianças para as recordações relevantes da história, em todas as intervenções do grupo, a narrativa seria retomada junto a eles no formato de questões sobre o livro, deixando explícita a relação do jogo com a história de Ceci e Max para posterior a isso iniciarmos a prática.

Na primeira intervenção pós a aula diagnóstica, contamos a história e pedimos para que eles desenhassem o que haviam entendido sobre o livro. Na segunda intervenção após a retomada da história usamos um jogo de oposição no qual os alunos se colocavam em duplas dentro de círculos que desenhamos no chão, juntavam suas mãos e se empurravam na tentativa de colocar para fora das delimitações do círculo seu adversário. Neste jogo, o olhar minucioso foi para as duplas que eram mistas, na tentativa de ver se havia diferentes reações quando menino ou menina ganhasse. O fator inquietante desta observação foi ver como no ensino infantil não havia diferença quando as meninas ganhavam, enquanto que na turma de EF1, a dinâmica acontecia um pouco diferente, pois os maiores não aceitavam muito bem o fato de elas serem as vencedoras, quando acontecia.

Nesta mesma intervenção, realizamos uma brincadeira que envolvia futebol, na tentativa de transparecer para os alunos a possibilidade de meninas e meninos jogarem o esporte em questão juntos. Esporte este que era a principal brincadeira de Ceci no livro. Na terceira intervenção foi feito um pega-pega “Calcinha e Cueca”, no qual pegador e salvador usavam respectivamente uma calcinha e uma cueca na cabeça, estas feitas a partir de um tecido “tnt”. Com o intuito de desmistificar a peça de roupa e suas cores, a calcinha foi feita

na cor azul e a cueca vermelha. No início da brincadeira, quando apresentamos as duas peças aos alunos e perguntamos o que era, foi unânime a resposta: “uma calcinha e uma cueca”. Porém o mais intrigante foi a fala deles indicando que a calcinha era vermelha e a cueca azul quando na verdade era o inverso e ficava claro no *design* das duas peças.

Dando continuidade as intervenções, na quarta intervenção, o segundo livro “Ceci e o vestido de Max” também foi trabalhado com os alunos. Neste, temos Ceci e Max fazendo compras no mercado, quando Max se encanta com um vestido rosa de laços brancos, que com decorrer da história acaba sendo usado pelo mesmo e não pela própria Ceci, que ganha o vestido de sua avó. Neste segundo livro, a história foi contada dentro uma proposta mais lúdica, utilizando objetos alternativos como: rolo de papel higiênico, pisca-pisca, um globo de alumínio entre outros. A fim de descaracterizar o objeto em questão e salientar a proposta de atribuir diferentes valores aos mesmos, foi encenado algumas partes da história, como a cena em que a personagem Max coloca o vestido e dança para Ceci. O vestido foi confeccionado de forma rápida e simples, com fita crepe e pedaços de papel higiênico que representavam o laço branco. Já a parte de cima ficou por conta de uma camiseta cor de rosa. No momento em que o contador da história se levantou e começou dançar, fazendo alusão a Max, um aluno da turma do Ensino Infantil reagiu com a seguinte expressão “mas ele não pode dançar, dançar é coisa de menina”. Quando terminada a história imediatamente o foco foi voltado para expressão do aluno, tentando dialogar e instigar o mesmo a falar sobre seu pensamento. Após, percebendo que ele não reconhecia o porquê daquela expressão, apenas reproduzia determinada fala, finalizamos.

Na intervenção seguinte, a quinta, foi proposta ao grupo uma atividade de controle de bexiga. Como já era hábito, iniciávamos retomando a história e pedimos para que os alunos recordassem o que tinham achado e comentado na última intervenção. Novamente, entrou em debate a fala do aluno sobre o fato de meninos não poderem dançar. A partir daí, mostramos a eles um vídeo encontrado na internet em que a personagem *Hulk*, um personagem clássico e popular por toda sua força e símbolo de virilidade, aparecia dançando uma música latina composta por movimentos diversos. Pedimos para eles refletirem sobre a fala disposta pelo aluno. A aula se desenrolou com o controle de bexiga, fazendo mais uma vez referência ao Futebol que Ceci tanto gostava. Quase no fim da intervenção foi pedido que eles estourassem suas bexigas, que dentro continham pequenas peças de roupa feitas de e.v.a. Essas peças foram reservadas junto da professora da sala. Antes da finalização da aula eles pediram para ver o vídeo do Hulk novamente, e enquanto o vídeo era mostrado eles começaram a dançar acompanhando a música, inclusive o aluno do comentário.

Na sexta intervenção, foi retomada a história e também as roupinhas de e.v.a. que deixamos com a professora. Neste dia geramos uma reflexão com eles na qual perguntamos sobre roupas, quem podia usar quais peças e até fizemos algumas analogias entre roupas usadas por padres e sacerdotes o que nada mais seria do que o mesmo *design* de um vestido longo então, se desenhou na lousa um guarda roupa separado em duas partes no qual eles deviam colar as roupinhas como e para qual personagem quisessem, sendo a parte da Ceci e a parte do Max, aqui seria possível ver algum vestígio de mudança no pensamento dos pequenos. A princípio o guarda roupa teve suas peças bem separadas, entrando havia sim calças e camisetas na parte de Ceci, mas nenhum vestido ou saia no guarda roupa de Max, então redefinimos o guarda roupa dando a ele uma terceira parte, que seria o lugar das roupas em comum para os dois personagens, a partir daí vimos uma maior variação e organização no modo em que eles separaram as roupinhas, tendo agora vestidos e saias dispostas para Max e Ceci também poder usar.

Na sétima intervenção ousamos na proposta e fizemos dois vestidos de EVA, os quais tinham números na parte superior de trás, como nas camisetas de times de futebol. Na parte frontal, continha as siglas com o nome da escola. Retomamos a história de “Ceci e o vestido de Max” e os levamos para a quadra. Lá explicamos que eles seriam divididos em dois grupos, a fim de realizar tarefas dispostas em um circuito montado com cones, bolas e bambolês. Para que eles concretizassem as atividades, todavia, era necessário colocarem os vestidos, assim fariam todo o trajeto com o “vestido de Max”. Seja pela competitividade ou alguma outra razão, todos abarcaram a ideia e a aula transcorreu sem qualquer problema ou apontamento negativo.

A oitava intervenção foi baseada tanto no livro de Ceci quanto no comentário de um dos alunos, segundo o qual “menino não pode dançar”. Por isso, levamos para a escola diversas músicas e alguns exercícios de expressão corporal, cujo objetivo seria de mostrar pra eles que todos podem dançar, independente de ser menino ou menina. Nós os levamos para o salão comunitário que divide espaço com a escola. Lá, propusemos um cabo de guerra imaginário, os separamos em dois grupos mistos e explicamos que eles deviam usar suas forças e começar a puxar, dando aí os primeiros estímulos para movimentação e também expressões faciais. Em seguida fizemos uma atividade para expressão, contato corporal e socialização. Formamos com eles duas rodas sendo que uma ficava dentro da outra colocando os alunos respectivamente frente a frente, assim quando tocássemos a música eles giravam. Quando a música fosse pausada, eles deviam parar a ciranda e cumprimentar da forma que quisesse o amigo que estava a sua frente. Dando seguimento fomos colocando diversas

músicas, uma batucada de samba, um funk infantil, músicas infantis de filmes, e dizendo que deviam se movimentar e dançar como quisessem. Conforme íamos trocando a músicas, começamos a dar alguns comandos como, por exemplo, “dancem como Max”, “agora, dancem como a avó de Ceci”, “agora dancem jogando futebol, como Ceci” e “agora como quiserem”. No final sentamos todos em roda e perguntamos para eles se algo ruim havia se passado por eles estarem dançando, e a resposta foi unânime que não, perguntamos para o aluno do comentário “dançar é coisa de menina” e o mesmo se contradisse dizendo que podiam dançar sim.

Na nona intervenção os alunos foram instruídos a fazerem um desenho de alguma brincadeira que para eles tivessem relação com o livro. Porém essa devia conter alguns materiais como Bambolê, cone, e bola, os quais estariam dispostos na quadra para que eles trouxessem do papel para a realidade. Os alunos do ensino fundamental até conseguiram executar o que foi pedido. Entretanto, a brincadeira a qual eles desenvolveram estava ligada a uma espécie de partida de basquete. Com isso apenas dois garotos estavam conseguindo chegar à bola e fazer as cestas. Por conta disso, resolvemos interferir e colocar algumas regras, como ter que passar para alguma menina do time antes de realizar o ponto, ou quando uma delas marcasse, o ponto teria valor dobrado. Já com os menores não houve tanta desenvoltura na atividade, eles fizeram desenhos aleatórios e o grupo desceu com os mesmos para a quadra para realização de um circuito com os materiais que estavam dispostos.

Em nossa última intervenção, levamos uma proposta que agregaria de certa forma parte de todo conteúdo apresentado nas intervenções: uma caça ao tesouro que se deu em diversas partes da escola. A primeira pista foi entregue ainda dentro da sala, e fazia referência aos desenhos de Mamute que Ceci fazia. Ao chegar no lugar em questão, encontraram um pequeno quebra cabeça que formou a figura que Ceci havia desenhado, daí para a segunda pista, fizemos referência ao futebol que as personagens tanto gostavam. Para isso, os alunos tiveram que se encaminhar para o centro comunitário onde desenvolveram uma atividade na qual tinham que dar três voltas em um taco de madeira e fazer um gol. A pista seguinte trazia como cenário de procura o banheiro, porém, como já havíamos percebido que às vezes os meninos invadiam o banheiro das meninas e vice-versa, instruímos que as meninas deviam procurar as pistas no banheiro dos meninos e o inverso também, para assim desmistificar o espaço do outro para ambos. No banheiro, deixamos para que eles encontrassem bexigas, sendo uma com água no banheiro feminino e outra com areia no masculino, quando perguntamos para eles onde havia água e areia, já disseram na praia. Dando seguimento à brincadeira desceram para a quadra, que tem ao seu lado um parquinho com areia e água na

parte externa do mesmo. Lá, eles buscaram a pista e recordaram dos trajes de banho de Ceci e Max no primeiro livro. Entregamos para que todos colocassem em suas cabeças calcinhas e cuecas feitas de TNT, e a última pista que os levou novamente para a sala de aula, aí já estava um dos bolsistas do PIBID com a camiseta rosa e o vestido de papel higiênico. Nesta última etapa, eles deveriam dançar como quisessem. Por fim, colocamos um dos pibidianos representando o pai de Ceci, pedindo para os alunos entregarem todas as pistas para poder ganhar o tesouro. Fizemos uma discussão ao final e perguntamos sobre o que eles haviam aprendido e como tinham sido as aulas. Por mais que a desconstrução dos estereótipos e atitudes discriminatórias relacionadas ao gênero não seja simples de ocorrer, alguns comentários já foram demonstram que essas questões estão sendo refletidas pelos alunos. Uma aluna disse que tinha aprendido que meninos e meninas podiam brincar juntos, já outro aluno perguntado sobre o que faria caso visse alguém como Max andando pela rua respondeu: “Não farei nada, a vida é dele e pode fazer o que quiser”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fronteiras em relação às questões de gênero existem, porém estão sendo questionadas a todo o momento, principalmente quando falamos de funções e atividades desenvolvidas por homens e mulheres. A literatura trabalhada em sala de aula teve o papel de fundamentar as discussões e tornou-se acessível às crianças devido ao seu tipo de linguagem, sendo de fácil compreensão e facilitando a reflexão do conteúdo proposto a elas e experiências com identidades de gênero não fixas e discriminatórias.

REFERÊNCIAS

MARTINS, Mariana Zuaneti; BRANT, Tuffy Felipe. **Livros infantis, gênero e práticas corporais: uma proposta pedagógica em educação física a partir do livro Leila menina**. Revista Kinesis, Santa Maria, v. 34, n. 1, p.130-148, jan. 2016.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica**. Educação e Realidade. 20 (2), p.71-99, 1995